

## A LITERATURA E O FANTASIAR: EFEITOS DO LETRAMENTO NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO

Hermano de França Rodrigues

*Universidade Federal da Paraíba – E-mail: hermanorg@gmail.com*

**Resumo:** Nas últimas décadas, apesar dos avanços e descobertas epistemológicas no seio das academias, em especial, dos cursos de Letras, deparamo-nos, ainda, com um ensino de literatura deficiente em muitas das escolas brasileiras. São poucas as instituições que acreditam, dadas as exigências de uma modernidade calcada na racionalidade, no poder transformador do código poético. Eis o que nos leva, aqui, a discorrer a respeito do *status* da literatura na promoção da subjetividade e da autonomia dos indivíduos. Para tanto, em termos metodológicos, empreendemos uma pesquisa de cunho bibliográfico, articulando teorias pertencentes a campos distintos do conhecimento. Assim, privilegiamos os trabalhos de CANDIDO (2011), COSSON (2014) e CORSO & CORSO (2006). Destarte, conseguimos concatenar pensamentos advindos da Teoria Literária, da Educação e da Psicanálise, numa lógica discursiva em que os conceitos se desterritorializaram em favor da sustentação de outras verdades. Quando necessário, apropriamo-nos de teóricos afins, sempre a preservar o diálogo convergente e a complementaridade das reflexões. Da investigação, duas reflexões se destacam: a) a Literatura, enquanto produto da linguagem, não se dissocia da experiência humana e b), na condição de produto e/ou artefato cultural, a literatura comporta uma tessitura semiótica que oferta possibilidades de contato com o saber, numa parceria onde o pacto ficcional torna possível o laço com a realidade externa e seus elementos humanos e sociais.

**Palavras-chave:** Letramento Literário, Leitores, Linguagem.

### Preliminares

Atravessado pelo desamparo, numa busca incessante pelo reconhecimento, desejoso de um Outro<sup>1</sup> que lhe oferte a pacificação de suas angústias, o homem encontra-se, desde sempre, marcado pelas relações com o mundo e com os seres que o cercam. É pelo olhar estrangeiro, pela palavra (des)conhecida que somos arremessados ao campo da linguagem, onde angariamos as ilusões necessárias à “fabricação” de nossa subjetividade, nunca plenamente acabada, porquanto esteja, de balde, à mercê de antigas e novas estórias. Forjamo-nos a partir do discurso alheio, das narrativas que nos são contadas (ou endereçadas) e/ou dos mitos que recobrem a nossa genealogia, ao mesmo tempo ignota e familiar. Sem tal experiência, fracassamos como sujeitos. Ingressar nos híbridos territórios da Cultura implica, antes de tudo, diferenciar-se, deixando-se trespassar por aquilo que vem de longe, de fora, mas que, por isso mesmo, ressoa em nós como algo vívido e significativo. A individuação, no sentido de integração dos elementos do *eu* e do *mundo*, demanda a apropriação do diferente

---

<sup>1</sup> No cerne da psicanálise laciana, o Outro corresponde, inicialmente, à mãe enquanto mediadora da Cultura. Em seguida, após a ruptura com o bebê, o Outro converte-se no campo da linguagem, do simbólico.

ou, em outros termos, só erigimos uma narrativa própria quando somos confrontados com as experiências de outrem.

Quiçá, nessa perspectiva, a literatura se coloque como instrumento privilegiado na formação de sujeitos leitores, ao possibilitar um repertório de representações que os homens fazem de si mesmos e de suas incursões no corpo social, de modo a mimetizar, através do significante<sup>2</sup>, tanto a evolução histórica dos grupos e indivíduos, quanto os conflitos éticos que (des)estruturam, ao longo das eras, as pilastras do processo civilizatório. Daí o caráter humanizador do texto literário, hábil em conduzir-nos à reflexão, à efabulação, ao confronto com eventos que, marcados pela contiguidade com o real, desnudam nossa singularidade, inserindo-nos, pelas vias da imaginação, em realidades inóspitas e sedutoras, pacatas e sôfregas, fantásticas e verídicas, simples e complexas. Ao encará-las, (re)inventando-as ao labor da apreciação crítica e da interpretação, conseguimos compreender, com maior acuidade, a atuação humana frente às vicissitudes do tempo e ante as contradições do meio. Com efeito, alçamos ao lugar de resistência, de luta e de autonomia, tão difíceis de serem conquistados e tão indispensáveis à sobrevivência. O fenômeno literário orienta-nos, assim, rumo a um saber, individual e compartilhado, cuja essência é a especularização daquilo que nos habita e nos faz agentes de transformação.

Embora não se questione a importância da literatura na formação leitora, sua presença em nossas escolas, na condição que a esta lhe cabe – de produto cultural que se articula com a língua, na promoção da cidadania –, ainda é tímida e, portanto, inócua perante um mal-estar que fragiliza e, por vezes, impede o diálogo entre sujeito e arte, entre homem e cultura, entre criação e realidade. Que a literatura está em perigo, isso já não causa espanto, nem assombros. Há muito, o ensino de literatura se cristalizou na transmissão de dados historiográficos ou, simplesmente, como objeto para análise de aspectos gramaticais, o que lhe consagrou uma dubiedade bastante corrosiva: ora assume o posto de *exemplar linguístico*, revelador de um padrão de fala e escrita, ora ostenta o lugar de *objeto inacessível*, em virtude de suas particularidades estéticas e estilísticas. Ambas as concepções, de ordem assaz reducionista, compõem o rol de estigmatizações que distorcem a natureza, o funcionamento, a circulação e a recepção do texto artístico. Ao incorporá-las à prática pedagógica, os professores estão, de maneira brutal, negligenciando uma das atribuições mais expressivas da literatura, qual seja, sua *função social*. Oportunizar ao sujeito um vínculo solidário com o artefato literário constitui um ato político (na melhor acepção do termo), à proporção em que a obra impinge

---

<sup>2</sup> Segundo Lacan (1998), o significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante.

uma expansão do mundo subjetivo do leitor, favorecendo-lhe, dentro de suas fronteiras sócio-cognitivas, a arquitetura de sinapses entre o conteúdo ficcional e a e vivência cotidiana.

Ler-se, pois, sob o véu da experiência. E, em se tratando de literatura, a experiência se reveste, amiúde, de *pathos*, em suas mais diversas formas de manifestação – das relações amorosas à busca de identidade, das perdas necessárias às grandes tragédias perpetradas pelo *homo sapiens*, dos vícios às virtudes, da fúria ao refúgio, tudo se imiscuindo na potencialidade do signo, nas artimanhas da escrita, nos equívocos da voz. Parece-nos pertinente afirmar, aqui, que tal conjectura estética nos direciona aos meandros da *literatura infanto-juvenil*, cujos códigos e substrato languageiro remetem à profusão simbólica, na qual a existência se esquadrinha e se multiplica, numa diagramação rarefeita que *desperta o humano*. Possivelmente, a liquefação dos tempos, onde o fantasiar perde seu lugar para a tecnologia, explique a aridez que se impregna no trabalho com a literatura, convertendo-o, não raras vezes, numa prática mecânica e automatizada. Os contos de fadas, as fábulas, os romances de aventura e todo um vasto leque de gêneros que se voltam para o universo da criança e do adolescente (e por que não dizer também dos adultos, posto que jamais abandonamos, por completo, as nossas raízes primevas) vociferam a universalidade das paixões, pondo em cena conflitos atemporais, que nos chamam a atenção exatamente porque albergam fatos que, porquanto situados na exterioridade, conseguem atingir os recônditos da alma.

Eis, portanto, algumas razões que nos levam à nossa proposta de trabalho: discutir, por intermédio de uma revisão bibliográfica, o papel da literatura infanto-juvenil na formação de sujeitos leitores. Partimos da hipótese de que os textos pertencentes a essa *categoria*, ao incorporar o elemento humano, reelaborando-o sob o prisma do simbólico, favorece o pacto ficcional necessário ao diálogo entre leitor e obra. Serviram de respaldo às reflexões, aqui delineadas, os trabalhos de CANDIDO (2011), em suas teorizações acerca da literatura como um bem cultural, de COSSON (2014), nos seus estudos sobre o letramento literário, e de CORSO & CORSO (2010), quando se inclinam para os processos de subjetivação em correspondência com a experiência estético-literária. Percorremos, ademais, outras fontes complementares, articulando-as em favor de nossa linha de raciocínio.

### **A linguagem, a literatura e o mundo**

Em um mundo regido pelos *imperativos do eu*<sup>3</sup>, a comunicação entre os sujeitos assume, na atualidade, configurações cada vez mais plásticas e dinâmicas. É preciso destacar que, com o advento da internet, fomos impulsionados a estabelecer outros tipos de enlaçamento social, doravante mediados por novos suportes e novos textos, que põem em xeque velhas concepções sobre o ato de ler e sua vinculação com a formação cidadã. A bem da verdade, com certas ressalvas, a presença face a face já não é tão necessária para que uma conversa se desenvolva a contento. A palavra, antes reclusa a superfície do papel ou emoldurada pelo corpo, percorre, com o amparo da tecnologia, o vasto território da cibercultura, (re)conectando a tradição, (re)atualizando o sentido, deslocando sujeitos e significações. Se essas “forças languageiras” influem nas relações humanas, de modo a torná-las signos de um mundo globalizado, o que dizer da literatura, cujo meio de manifestação se dava, num passado próximo, tão somente, por meio da leitura de livros físicos? Com a facilidade de acesso a obras contemporâneas, hospedadas em sítios e páginas virtuais, temos a sensação de que, continuamente, as obras clássicas estão desaparecendo, se não por completo, ao menos em sua forma física.

O receio de que tal conjectura possa, talvez, transformar-se em realidade tem preocupado, sobremaneira, as nossas instituições, com destaque especial para a família e a escola. A esta, desde os seus primórdios, reservou-se o dever de manter vívido o interesse dos alunos pelo cânone, pela cultura consagrada, legada por aqueles que, ao longo da história, foram considerados legítimos a habitar as salas de aula. Na eventual cobrança externa (oriunda de uma globalização que exige do homem a incorporação de informações rápidas e precisas) e interna (decorrente de espaços educacionais que apregoam, sem a devida reflexão, a necessidade de adaptação aos modelos tecnológicos), o professor de literatura fica desnortado, ora desprezando as obras clássicas, ao enxergá-las como instrumentos obsoletos, em virtude da “antiguidade” de seus autores, ora valendo-se de textos do cotidiano, numa busca incessante por associar a arte literária à vida real do discente, desconsiderando, amiúde, o caráter simbólico que sustenta as narrativas poéticas.

Destarte, alguns questionamentos reclamam uma resposta. Que tipo de aluno a escola tem formado? Os alunos conseguem compreender a significância da literatura na sua formação humana e social? Quais as possíveis razões que levam o professor a se posicionar como um mero conhecedor e articulador de gêneros discursivos, indiferente à literatura bem

---

<sup>3</sup> Para muitos psicanalistas, que se debruçam sobre o contemporâneo, estamos vivendo uma era marcada pelo narcisismo, onde os interesses egoicos superam os coletivos. Nesse cenário, os indivíduos se lançam desenfreadamente em direção ao outro, numa tentativa sôfrega em estabelecer elos comunicativos duradouros.

como a suas implicações? São estas algumas questões que perpassam a cabeça de muitos educadores, da área das Letras, que se veem fragilizados ante o desafio de ensinar literatura e, por conseguinte, formar sujeitos leitores, proficientes em “desvendar” as artimanhas do simbólico.

Primeiramente, para tentarmos atribuir algum respaldo a essas perguntas, devemos entender que a literatura é, em sentido amplo, um direito, do qual nenhum ser humano pode e deve ser privado, conforme nos explica Antonio Candido, em seu texto *O direito à literatura*:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (CANDIDO, 2011, p.177).

Como direito, devemos entender aquilo que possibilita o convívio coletivo, do qual o indivíduo não pode ser privado e sem o qual ele não poderá viver com dignidade. O direito, portanto, é imprescindível para a própria condição humana e, por isso, sua efetivação implica o usufruto de prerrogativas básicas, da ordem do bem-estar e da própria sobrevivência. Nesse sentido, concebida desta forma, a literatura não é um elemento acessório às aulas de Língua Portuguesa; muito pelo contrário, é dever da escola garantir ao aluno o total acesso a ela, sem restrições de ordem nenhuma, sob o risco de negar-lhe as condições para o pleno gozo da cidadania.

Além disso, Candido (2011) aponta dois argumentos que merecem atenção, quando discutimos o papel da literatura na formação do indivíduo. O primeiro enfatiza que toda e qualquer pessoa está apta a adentrar no mundo literário, posto que a experiência artística é, antes de tudo, um acontecimento de linguagem. O segundo argumento, não menos importante, nos diz que a literatura deve ser entendida em seu sentido amplo, tal como o teórico expõe em seu trabalho<sup>4</sup>, não podendo, pois, ser reduzida a um dado gênero ou autor. Evidentemente, não estamos sugerindo, aqui, que todos os artefatos literários detêm as mesmas propriedades, sejam semiológicas e/ou semióticas. O que Candido (2011) bem pontua é o caráter multifacetado da literatura, sua capacidade de se apresentar em diversos níveis, de circular em diversos lugares e épocas, distantes ou próximas.

Como elucidar a natureza heteróclita da literatura? Talvez seja impossível apreender, em totalidade, o seu funcionamento, na medida em que se constitui como produto da

---

<sup>4</sup> A literatura abarca todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os níveis de uma cultura (Candido, 2011, p.176).

linguagem. É através delas (linguagem e literatura) que o sujeito e o mundo se constituem. Segundo Cosson (2014, p15), “todos nós exercitamos a linguagem de muitos e variados modos em toda a nossa vida, de tal modo que o nosso mundo é aquilo que ela nos permite dizer, isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa”. Se a linguagem inventa/fabrica o homem, ela, por sua vez, procede da interlocução que coloca os homens em confronto. Todo ato de linguagem consiste, em termos pragmáticos, numa ação criadora, capaz de libertar o homem da objetividade alienante, lançando-o à efabulação (processo que desestabiliza a Cultura).

Dessa forma, o mundo, em seus significantes, erige-se *no* e *pelo* diálogo, do qual emanam as ciências e as artes. Aquelas modificam os homens; as últimas são responsáveis por fazer do homem um ser vivente, humanizado. Daí a literatura, enquanto arte, possibilitar ao homem reconhecer-se a partir do outro, tanto em suas glórias e frustrações quanto em suas aventuras e declínios. Há que se destacar, conforme Candido, que a função humanizadora da literatura permite (re)significar o biológico, o somático, dotando o corpo de uma identidade, de um revestimento ideológico e subjetivo, característico de sua condição no mundo. Sobre esse aspecto, Cosson (2014) assegura que, em virtude de seu caráter individual e coletivo<sup>5</sup>, as palavras modificam-se, “vestindo o sentido do fazer humano” (p.16). Ressaltemos, ainda, que tal configuração se sustenta por meio da escrita/oralidade, que registra e lega à imortalidade das crenças, valores, histórias que compõem a cartografia de nosso ser, enquanto sujeitos humanos no mundo (COSSON, 2014).

Lacan, em seu ensino, compreendeu esse fato e suas vicissitudes, atribuindo à linguagem, formada pelos significantes, o papel estruturante da subjetividade, na dimensão consciente e inconsciente de nossa atuação:

O que situo aqui no princípio da experiência analítica é a noção de que há significante já instalado e já estruturado. Já existe uma usina feita, e que funciona. Não foram vocês que a fizeram. Essa usina é a linguagem, que ali funciona há tão longo tempo quanto vocês podem lembrar. Literalmente, não podem lembrar-se para além disso, falo da história da humanidade em seu conjunto. Desde que existem aí significantes que funcionam, os sujeitos estão organizados em seu psiquismo pelo jogo próprio desses significantes [...] (LACAN, 1995, p.49).

As reflexões do psicanalista ecoam nas elucubrações de Cosson (2014), quando este teoriza sobre os efeitos transformadores da palavra (oral/escrita). Cabe à palavra preservar a

---

<sup>5</sup> As palavras são formadoras de um sujeito individual, bem como são do domínio de toda e qualquer pessoa.

linguagem e nos permitir o acesso àquilo que nos antecedeu e, evidentemente, nos constituiu, tornando possível uma trajetória presente e um desejo por aventuras futuras. Nesse contexto, a literatura, devido ao seu caráter performático, explora,

[...] potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer o mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita (COSSON, 2014, p.16).

A literatura concentra forças libertadoras, formativas, polimorfas e estruturantes, todas, cumpre sublinhar, a serviço de um fenômeno mais complexo: a alteridade, ou seja, o reconhecimento de si a partir do encontro com o outro. Aquilo que o corpo social oferta aos seus membros não se reduz a um aparato comportamental, mas, sim, deixa latente um arcabouço sógnico condizente com as inúmeras *personas* que edificamos em nossa vivência diária. Nessa perspectiva, é muito justo dizer que a literatura humaniza, *ao confirmar o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente* (CANDIDO, 2011, 175). No entanto, é importante que não se veja nisso um processo unilateral e retalhador. O sujeito, diante de uma narrativa, não é uma vítima passiva, um simples extrator e repetidor de valores e conceitos. Ele resiste ao contato com a obra artística, dela participa e nela colabora de forma variada. Podemos afirmar que tal ação configura uma individualidade, um gesto espontâneo e incontrolável que se irrompe de forma imprevisível. E é essa pequena fração da essência humana que nos fornece matéria à crítica e à reflexão, alimentando as contradições e os conflitos próprios da dialética social. Talvez, esteja aí, no contato do homem com a arte, o elixir que retarda a coisificação do ser pelo ser.

Nas tessituras do texto literário, (re)encontramos as reminiscências de um dizer que reguarda um saber sobre nós mesmos, ao mesmo tempo em que fomenta o processo de diferenciação, sobre o qual se erguem as pilastras da individualidade. Em outras palavras, a literatura se (re)atualiza ao atualizar o sujeito, que, ao percorrer os seus flancos, extrai os sentidos que recobrem suas expectativas, estimulando-as. Cosson (2014) alerta que o pessimismo e a insegurança da escola quanto ao futuro do ensino-aprendizagem da literatura se dão, talvez, pela associação da mesma com o *pedagogismo*<sup>6</sup>. No entanto, o linguista propõe que é *mister* recuperar “o sentido da literatura como palavra *quo* palavra, independentemente

---

<sup>6</sup> Ainda perdura, no imaginário educacional, a crença errônea de que o ensino de literatura deve pautar-se no ensino de boas condutas.

de seu registro ou veículo de transmissão”, pensando assim, a coisa muda de figura. Para o autor, a literatura está em qualquer lugar, desde os livros impressos, versões e-books/digitais, nas redes sociais, integral ou parcialmente, assim como está em todo lugar, através de adaptações televisas, na música, cinema, filmografia, etc. Não pode, portanto, ser reduzida a um grupo, pois é impossível restringir seu acesso e sua manifestação.

Desse modo, a literatura alcança a condição de produto indispensável a todos, um bem incompressível e, como tal, “ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (CANDIDO, 2011, p.177). Nela, (re)encontramo-nos, seja no personagem de um romance, que vive as mais admiráveis aventuras, ou de uma canção, com a qual nos identificamos pela relação direta ou indireta com a nossa vida, produzindo uma empatia pelo outro da narrativa, visto que,

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor (COSSON, 2014, p.17).

É o contato responsivo com a literatura<sup>7</sup> que nos torna sujeitos capazes de refletir, de sentir empatia e de questionar a ordem social, razão pela qual ela é temível para aqueles que percebem o caráter transgressor que pode assumir quando se coloca e (re)apresenta a sociedade, sob um olhar crítico, por vezes, cético, mas sempre avassalador. Ela pode gerar conscientização, até mesmo revolta, pode vir a ser instrumento de luta das minorias que se veem subjugadas. A literatura é, também, subversiva, e essa plasticidade, se deve, de acordo com Candido (2011), devido “à complexidade da sua natureza” (p.178), tão abstrusa quanto o ser humano que ela ajuda a constituir. Certamente, ela não se submete a lógica maniqueísta, que, em tese, rege o mundo, sendo temida, pelas instâncias de poder, em virtude dos efeitos que pode vir a causar no sujeito.

Não raras vezes, implícitos às narrativas encontram-se os mais inapreensíveis desejos que tornam o sujeito, humano, e o humano, sujeito. Deparamo-nos com representações que fazem aflorar nossos medos, num movimento catártico que contribuem para a identificação e o (re)conhecimento de nossas paixões e mazelas. É importante que levemos em conta a

---

<sup>7</sup> Não nos esqueçamos da função política e social da literatura, enquanto forma de resistência as (des)ordens sociais.

máxima lacaniana de que o desejo encontra sua origem na linguagem, isto é, a linguagem é fundamento pelo qual homem consegue nomear, de modo precário, a sua falta, situando-o, novamente, frente a uma estranha e desconhecida cadeia de desejo.

Embevecidos pela literatura, os indivíduos partilham símbolos, constroem mutuamente os significados, têm visões convergentes das coisas. Essa forma de agir resulta na construção de uma identidade psíquica, social e histórica. É bom lembrar que o sujeito só pode ser único no grupo. A literatura (ou melhor, o acesso às suas representações) impõe a noção de coletividade e, ao mesmo tempo, obriga que o indivíduo se particularize ao se reconhecer como integrante de um grupo.

Espaço do desejo e das ideologias, a literatura se apresenta como produto genuíno da interação social, quer estejamos nos referindo a gêneros determinados pela situação imediata, quer estejamos mencionando narrativas demarcadas por um contexto situacional e histórico mais amplo, que englobe o conjunto das condições de vida de uma dada comunidade social e linguística. É fato, diante de tal definição, que a verdadeira substância da literatura não reside num sistema de formas fixas como prescreviam *os formalistas russos*. Para Bellemin-Noel (1978), o texto literário constitui um organismo vivo e dinâmico que se transforma, histórica e ininterruptamente, na interação entre os homens. Com efeito, pensar o evento poético, nesse contexto, significa orquestrar a comunicação sob a perspectiva de sujeitos socialmente organizados que usam a palavra para se definirem um em relação ao outro. Para Chauí, “as artes constituem a Cultura como invenção da relação com o Outro” (1999, p. 295).

## Referências

- ALLIENDE, Felipe. **A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo, Cultrix, 2000.
- BELLEMIN- NOEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo, Cultrix, 1978.
- BETTELHEIM, Bruno. **Na Terra das fadas - Análise dos personagens femininos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- CANDIDO, Antônio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CARILLA, Emilio. **El cuento fantástico**. Buenos Aires: Nova, 1968.
- CORSO, Diana; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: Teoria e Prática**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FRANZ, Marie-Louise von. **A Individuação nos contos de fada**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

- FRANZ, Marie-Louise von. **A Interpretação dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- FRANZ, Marie-Louise von. **A sombra e o mal nos contos de fada**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- LACAN, Jacques [1956-57]. **O seminário – livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LACAN, Jacques [1964]. **O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Leitura rarefeita: livro e leitura no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PERRAULT, Charles. **Chapeuzinho Vermelho**. Porto Alegre: Kuarup, 1984.
- PROPP, Vladimir I. **Morfologia do conto Maravilhoso**. São Paulo: Forense, 2001.
- ROSA, João Guimarães. Fita Verde no Cabelo. In: **Ave Palavra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.